

Breves reflexões sobre uma trajetória uenfiana

Brief reflections on a trajectory at Uenf

SANA GIMENES ALVARENGA DOMINGUES

RESUMO

Este breve artigo pretende refletir sobre a contribuição da Uenf e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, em particular, para minha trajetória acadêmica e profissional. Partindo de minhas motivações iniciais para ingressar na Universidade, ainda como graduanda em Ciências Sociais, procuro demonstrar como a participação no ambiente de uma universidade pública marcou minha forma de interpretar a realidade. Tal experiência me forneceu elementos para conceber o desafio de assumir a Secretaria de Desenvolvimento Humano e Social do município de Campos dos Goytacazes (RJ) a partir de janeiro de 2017, em contexto de aguda crise financeira e fiscal da municipalidade.

Palavras-chave: Sociologia Política; Gestão pública; Uenf

ABSTRACT

This brief article intends to reflect on the contribution of Uenf and the Postgraduate Program in Political Sociology, in particular, for my academic and professional trajectory. Starting from my initial motivations to join the University, still as a graduate in Social Sciences, I try to demonstrate how participation in the environment of a public university marked my way of interpreting reality. This experience provided me with the elements to conceive the challenge of assuming the Department of Human and Social Development of the municipality of Campos dos Goytacazes (RJ) from January 2017, in a context of acute financial and fiscal crisis of the municipality.

Keywords: Political Sociology; Public administration; Uenf

INTRODUÇÃO

Passados os dez anos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Uenf e às vésperas de mais um aniversário da Universidade, me foi pedido, na qualidade de uma egressa que hoje ocupa um cargo na administração municipal local, que fizesse um artigo sobre o papel da Universidade e do PPGSP em particular na formação de gestores públicos. Confesso que pensei, a princípio, não ser possível discorrer em muitas linhas sobre esse assunto. Tentei, então, recorrer a algumas intuições, aquelas, conforme aprendi nas primeiras aulas de Metodologia da professora Adélia Miglievich, com base nas leituras de Max Weber¹, que decorrem de vocação e também de algum esforço.

Assim, procurando fugir um pouco da métrica científica mais tradicional, tracei uma reflexão livre, a partir das memórias sobre a trajetória da Uenf e sobre o meu próprio caminho dentro da instituição. Nesse contexto, não pude deixar de ressaltar a relação entre os valores acadêmicos e o planejamento e a execução das políticas públicas.

É bom que se diga, porém — e isso remete às aulas de Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais do meu mestrado em Sociologia Política — que a memória não é apenas um fenômeno individual, mas também fenômeno social, ou seja, como um elemento construído coletivamente e, portanto, sujeito a flutuações². Segundo Pollak, os três elementos constitutivos da memória (seja ela individual ou coletiva) — acontecimentos, personagens e lugares — podem ser empiricamente fundados em fatos concretos da realidade ou podem apenas ser projeções³. Por essa razão, já me desculpo, antecipadamente, por qualquer tipo de imprecisão.

¹ WEBER, Max. A ciência como vocação. In: _____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p. 154-183.

² POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

³ *Idem*, p. 03.

I – A OPÇÃO PELA UENF

A Uenf entrou na minha trajetória como um acaso ou, mais propriamente, como um capricho de uma aluna esmerada que não cogitava a hipótese de não cursar uma universidade pública, mesmo que não tivesse muitos planos para residir fora do município e que as opções locais fossem escassas⁴. A ideia seria, então, conciliar o curso de Direito em uma instituição privada da cidade, a tradicional Faculdade de Direito de Campos⁵, com a graduação em Ciências Sociais da Uenf. Cabe dizer que eu não tinha uma ideia muito clara sobre o que representaria essa graduação (suponho que boa parte dos colegas calouros estivessem na mesma situação), mas ela me pareceu próxima de minhas afinidades e bastante atraente no “catálogo” de cursos do vestibular Uerj/Uenf. De qualquer forma, sempre me foi evidente a importância da educação pública de nível superior.

Não posso negar que também contou pontos o fato de que se tratava de uma graduação da Uenf, a tão comentada universidade do terceiro milênio, aquela que foi a primeira no Brasil a ter professores exclusivamente doutores e que teve como idealizador, vejam só, justamente um famoso antropólogo, Darcy Ribeiro. Isso tudo sem falar no projeto arquitetônico assinado pelo mestre Oscar Niemeyer. Nessa linha, um certo pedantismo de uma aluna vaidosa também estaria contemplado.

Ainda que não conhecesse muito sobre o futuro que me aguardava, cheguei a acompanhar uma parte da história da consolidação do sonho de uma universidade pública para o Norte Fluminense, pois venho de uma família brizolista, e meus pais faziam parte da comitiva de recepção do então futuro governador quando ele se comprometeu, em solo goytacá, a implantar a universidade, o que, de fato, ocorreu com a sua eleição⁶. Desse modo, em 16 de agosto de 1993

⁴ À época, no ano de 2001, as únicas graduações em universidades públicas no campo das Ciências Humanas em Campos eram os bacharelados em Ciências Sociais e em Ciência da Educação da Uenf e o bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF).

⁵ Hoje a antiga Faculdade de Direito de Campos (FDC) se converteu, juntamente com outras graduações mantidas pela Fundação Cultural de Campos, em uma das opções do Centro Universitário Fluminense (Uniflu).

⁶ Não sendo injusta, cumpre destacar o papel que a sociedade civil campista desempenhou nesse processo. Destaca-se tanto a atuação do movimento liderado por estudantes campistas para incluir nas Disposições Transitórias da Constituição Estadual a previsão da instituição de uma universidade pública para o Norte Fluminense, quanto a articulação de docentes e políticos locais para a efetivação do projeto. Naquele momento, porém, ainda se acreditava na possibilidade de transformação das várias faculdades particulares existentes na cidade na nova universidade estadual. Para um aprofundamento maior a respeito dessa cronologia e dos debates envolvidos, ver: SMIDERLE, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. **UENF e Campos, encontro de dois**

foi realizada a primeira aula magna na recém-criada Universidade Estadual do Norte Fluminense, data esta que simboliza o aniversário de sua criação. Mais um encontro de trajetórias: nascia aí uma leonina como eu.

E assim, no ano de 2002, aos 17 anos, ingressei na Uenf não apenas tentando entender o que seriam as tais Ciências Sociais (especialmente a então imperceptível diferença entre Antropologia e Sociologia), mas vivenciando a diferença entre o *ethos* universitário de uma instituição pública e o de uma privada. Não se trata de desmerecer a rigorosa formação que recebi na Faculdade de Direito de Campos, onde hoje, inclusive, tenho o enorme prazer de lecionar, mas a universidade pública, para além da excelência acadêmica, costuma proporcionar experiências socialmente mais amplas em razão de sua maior autonomia, de seus projetos de extensão, de sua ligação umbilical com a pesquisa (sobretudo no caso da Uenf) e pela própria interação entre pessoas que costumam ter diferentes formações, naturalidades e até nacionalidades. Além disso, em razão de a graduação em Ciências Sociais se dar em regime integral, eu vivia a Uenf das 8h às 18h praticamente todos os dias da semana, só saindo de lá para minhas aulas noturnas de Direito.

Esse começo pouco romântico e um tanto quanto pragmático não reflete, porém, o que veio depois. Tenho dito há muito que a Uenf me formou não apenas profissionalmente, mas também como cidadã. Foi lá que aprendi a sistematizar uma visão crítica, mais ainda dispersa, que já tinha sobre as desigualdades sociais. Foi ela que me fez conhecer mais de perto a ideia de diversidade. Foi ela que me mostrou o que realmente significa igualdade e, conseqüentemente, justiça substantiva, ao me permitir vivenciar a ainda pioneira política de cotas para estudantes no Brasil. E também foi ela que me mostrou que o conhecimento científico pode ser militante e comprometido socialmente sem perder o rigor técnico, ainda que para isso possa ser necessário formular novas epistemologias. Até foi ela que me apresentou o meu primeiro (e também o segundo) amor.

De tal modo, fui conciliando o dogmatismo da minha formação jurídica com a intersubjetividade da minha formação sociológica. Embora sempre tenha pensado em ser uma operadora (concurzada) do Direito e, até então, assumido a minha formação nas Ciências Sociais como complementar, acabei me vendo ao final das duas graduações que cursei

mundos: uma etnografia da interação entre a coletividade da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a sociedade de Campos dos Goytacazes(RJ), 2002-2004. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2004, 176f.

concomitantemente com o desejo de prolongar um pouco mais a minha estada na Uenf e de começar a traçar uma carreira para o magistério em nível superior.

II – O MERGULHO NA SOCIOLOGIA POLÍTICA

Naquele momento, em 2008, já tinha me apaixonado pelos estudos de gênero, que me foram apresentados pela minha orientadora (de ontem, hoje e sempre), Marinete dos Santos Silva. Ademais, o caráter interdisciplinar que essa temática suscita parecia interessante para que eu alinhasse minha formação sociológica à jurídica. Ingressei no mestrado em Sociologia Política saindo do estudo mais teórico, objeto de minha monografia de conclusão de curso — a respeito da educação feminina na visão de Rousseau e de Stuart Mill —, e fui me aventurar na pesquisa de campo estudando a inserção das mulheres na política eleitoral dentro do Partidos dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. E, embora ao longo do mestrado eu tenha prometido a mim mesma que daria um tempo da rotina acadêmica (creio que esse seja um drama comum aos pós-graduandos), em 2011 me vi começando o doutorado, também em Sociologia Política, na mesma instituição.

Admito que a essa altura não se tratava mais de uma escolha muito refletida: uma coisa acabou levando a outra, pois parecia um desperdício não tentar a chance de completar minha formação acadêmica, e eu acabei mergulhando no doutorado, agora para estudar uma questão que sempre me inquietou: a quem pertence o corpo da mulher? E depois de alguns percalços para ajuste do tema, avanços e recuos na pesquisa, lá estava eu dentro do Hospital dos Plantadores de Cana analisando questões relativas à maternidade, ao aborto e ao poder médico. O mestrado “doeu” forte, mas rápido. Já o doutorado foi uma dorzinha leve, mas que não parava de incomodar, e que demorou a passar. Mas passou. E hoje eu chego a me lembrar com saudade daquele dia 15 de dezembro de 2015, quando me tornei doutora em Sociologia Política, depois de uma defesa muito tranquila e feliz, que certamente não refletiu as angústias (principalmente com os prazos) que eu vivi ao longo dos quase cinco anos de doutoramento. Aqui agradeço à professora Wania Belchior, coordenadora do Programa, por toda a parceria nos decisivos momentos finais.

Nesse ponto, também preciso agradecer à instituição como um todo e aos governantes que pensaram e pensam a educação pública de maneira séria e comprometida. Tive o privilégio de ter sido bolsista Faperj/Uenf ao longo de toda a minha pós-graduação. Na graduação acredito que não teria sido diferente se tivesse pleiteado tal concessão, mas não o fiz, pois já estava na

iniciação científica da Faculdade de Direito de Campos, com uma bolsa Fenorte, fundação pública criada originalmente para ser mantenedora da própria Uenf. Vale ainda destacar os inúmeros congressos (alguns internacionais) custeados pela Universidade, os ótimos eventos culturais no *campus* Leonel Brizola, as aulas de francês extracurriculares, a participação no time de basquete e as aulas de teatro (com o saudoso Kapi) que a Universidade também me proporcionou.

III – DA ACADEMIA À GESTÃO PÚBLICA

Desde 2015, apesar de não ter mais nenhum vínculo formal com a Uenf, continuo, de alguma forma, ligada à instituição. Seja com minha modesta participação no grupo de pesquisa “Atelier de Estudos de Gênero” (Ategen), capitaneado pela professora Marinete, seja compondo bancas de novos pós-graduados, seja ainda porque agora, como gestora pública, existem relações institucionais que precisam ser formalizadas e questões sociais que devem ser problematizados conjuntamente.

Nunca pensei que ocuparia uma função pública como a que agora ocupo, estando secretária de Desenvolvimento Humano e Social do município de Campos dos Goytacazes desde janeiro de 2017. O convite feito pelo prefeito Rafael Diniz trouxe o enorme desafio de assumir uma pasta marcada pelo uso criminoso da política pública de assistência social para fins eleitorais. Não se tratou, porém, de um convite isolado, no sentido de dar um caráter mais técnico a uma área complexa e, até então, maculada por práticas ilícitas. O quadro atual da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes conta não apenas com mais três colegas egressos também do Centro de Ciências do Homem (CCH) à frente de pastas importantes, mas também com inúmeros outros nomeados e contratados em áreas distintas que vieram desse e de outros centros da Universidade. Foi na Uenf, inclusive, que estive, ainda na época da transição entre os governos, em meu primeiro compromisso oficial com o prefeito eleito. Na pauta dessa reunião estava a apresentação de projetos que poderiam ser incorporados pela administração municipal, além do alinhamento da capacitação de servidores da Prefeitura pelos quadros da Uenf, bem como o estágio de alunos da Universidade nos diversos setores da municipalidade. Ou seja, teoria e prática se encontrando para uma formação mais completa.

Não quero dizer, com isso, que a opção por uma gestão técnica tenha transcorrido sem problemas. E as críticas vieram e vêm daqueles que esperavam um perfil mais político, ao estilo mais tradicional e populista, mas também de colegas da academia que, por vezes, não entendem

os limites burocráticos com os quais nos deparamos. Por certo, não se trata somente de incompreensão. Ao longo desse tempo certamente cometemos erros, recuamos e repensamos ações. Mas estamos em permanente diálogo com todos esses setores, tentando atender as demandas mais relevantes, mesmo diante dos entraves legais e, especialmente, a despeito da crise financeira e administrativa sem precedentes que herdamos.

Em 15 de abril de 2008 eu fiz o seguinte juramento quando da solenidade de minha graduação em Ciências Sociais:

Prometo exercer a atividade profissional em prol da humanização da sociedade, aplicando em cada setor desta a consciência crítica indispensável à transformação das relações e das estruturas sociais, agindo sempre de acordo com os ditames éticos no sentido da realização da justiça social, com vistas ao desenvolvimento da ciência e à promoção do bem comum⁷.

Acho que esse juramento, ainda que voltado para os cientistas sociais, explicita da maneira muito feliz qual é o compromisso que um egresso uenfiano deve ter com a sociedade. Não tenho a pretensão de acreditar que eu consiga responder tal promessa a contento, mas tenho a certeza de que esse é um bom balizador para nortear — ou então “sulear”, como preferia, com razão, o meu primeiro professor de Antropologia, Marcio D’Oliveira — minhas ações à frente das políticas públicas de assistência social e de direitos humanos do município. E para o muito que ainda precisa ser alcançado, acredito que já tivemos avanços importantes.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando às minhas considerações iniciais, não se pode negar que a memória seja, em geral, seletiva. Contudo, na maioria das memórias, existem marcos imutáveis, tão solidificados, que já não podem ser alterados. Um deles, para mim, é a certeza de que a Uenf teve um papel determinante na minha trajetória. Não somente para minha formação técnica, que me deu o instrumental necessário para entender as relações de poder e as desigualdades estruturais de um país como o Brasil, mas, principalmente, para o meu comprometimento com um projeto ético-político de atuação pública.

⁷ Disponível em:

http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/GRADUACAO_UENF_3101_1219270513.pdf. Acesso em 28/08/2018.

Desnecessário sublinhar a contribuição específica do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, que ora celebra seus dez anos, no qual me titulei mestra e doutora. Se não fossem essas etapas da minha formação, acredito que não estaria ocupando o cargo público em que me encontro. Aliás, se não fosse o Programa a minha própria carreira acadêmica não existiria, pois só pude me tornar professora universitária e pesquisadora em razão das minhas titulações. Não me refiro apenas à questão formal, mas especialmente aquilo que esses títulos materialmente representam. Agora tenho o prazer, inclusive, de fazer a roda do conhecimento seguir girando um pouco mais, já que faço parte do recém-criado Programa de Mestrado em Direito do Uniflu. Esse é apenas mais um pequeno exemplo de como o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Uenf vai deixando suas marcas e produzindo, direta ou indiretamente, mais uma geração de cientistas e inúmeras pesquisas, até mesmo nas áreas afins.

Em tempos de desmonte da educação pública, principalmente do ensino superior e do campo da pesquisa, é sempre importante repisar a íntima relação entre universidade e democracia. Isso se dá não apenas porque ciência e tecnologia estão relacionadas ao desenvolvimento social e econômico de um povo, mas porque os marcadores básicos da vida acadêmica — a liberdade de pensamento e o diálogo baseados na racionalidade crítica — são imprescindíveis para uma sociedade pluralista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SMIDERLE, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. **UENF e Campos, encontro de dois mundos: uma etnografia da interação entre a coletividade da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a sociedade de Campos dos Goytacazes(RJ), 2002-2004**. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2004, 176f.

WEBER, Max. A ciência como vocação. In: _____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p. 154-183.

Sana Gimenes Alvarenga Domingues

Mestra e doutora em Sociologia Política pela Uenf, secretária de Desenvolvimento Humano e Social do município de Campos dos Goytacazes (RJ) a partir de janeiro de 2017